

MILAGRE

Fato natural ou sobrenatural?

Solicite nosso catálogo completo, com mais de 500 títulos, onde você encontra as melhores opções do bom livro espírita: literatura infantojuvenil, contos, obras biográficas e de autoajuda, mensagens espirituais, romances palpantes, estudos doutrinários, obras básicas de Allan Kardec, e mais os esclarecedores cursos e estudos para aplicação no centro espírita – iniciação, mediunidade, reuniões mediúnicas, oratória, desobsessão, fluidos e passes.

E caso não encontre os nossos livros na livraria de sua preferência, solicite o endereço de nosso distribuidor mais próximo de você.

Edição e distribuição

EDITORA EME

Caixa Postal 1820 – CEP 13360-000 – Capivari – SP

Telefones: (19) 3491-7000/3491-5449

vendas@editoraeme.com.br – www.editoraeme.com.br

José Lázaro Boberg

MILAGRE

Fato natural ou sobrenatural?

Capivari-SP

– 2015 –

© 2015 José Lázaro Boberg

Os direitos autorais desta obra foram cedidos pelo autor para a Editora EME, o que propicia a venda dos livros com preços mais acessíveis e a manutenção de campanhas com preços especiais a Clubes do Livro de todo o Brasil.

A Editora EME mantém, ainda, o Centro Espírita “Mensagem de Esperança”, colabora na manutenção da Comunidade Psicossomática Nova Consciência (clínica masculina para tratamento da dependência química), e patrocina, junto com outras empresas, a Central de Educação e Atendimento da Criança (Casa da Criança), em Capivari-SP.

1ª edição – julho/2015 – 3.000 exemplares

CAPA | André Stenico

DIAGRAMAÇÃO | Marco Melo

REVISÃO | Lidia Regina Martins Bonilha Curi

FICHA CATALOGRÁFICA:

Boberg, José Lázaro, 1942

MILAGRE – Fato natural ou sobrenatural? / José Lázaro Boberg
- 1ª ed. jul. 2015 – Capivari, SP : Editora EME.

232 p.

ISBN 978-85-66805-59-8

1. Estudo espírita. 2. Reflexões sobre os milagres. 3. Fato natural ou sobrenatural?

CDD 133.9

DEDICATÓRIA

Ao amigo José de Souza Pinheiro, Professor, Mestre e Doutor de Língua Inglesa nas Universidades - Federal e Estadual - do Ceará, o qual não conheci pessoalmente, mas sim, através de suas excelentes obras ecumênicas. Desencarnou no ano passado, porém, quando ainda em vida, com doença degenerativa, sua filha Dra. Joceli de Deus Pinheiro me presenteou, com a aquiescência do pai, com toda a biblioteca que a ele pertencia. Uma joia preciosa que caiu em minhas mãos. Tive, também, a honra de fazer a apresentação de uma das suas últimas obras: *Mentiras sobre Jesus*. Verdadeiramente, um homem de bem.

Agradecimentos ao biblista, José Reis Chaves, de Belo Horizonte-MG, conhecido no país, como 'escritor Chaves', pela revisão.

Igualmente, sou grato a Lídia Regina Martins Bonilha Curi, professora aposentada de português, da cidade de Tietê-SP, que, além da revisão deste livro, me acompanha, nesse mister, em várias outras obras de minha autoria. Uma *expert* em língua portuguesa que nos dá plena segurança em minhas publicações.

Ao meu querido companheiro do grupo de estudos, José Aparecido Sanches - o nosso Zezinho - pelos longos anos de reflexão em nossa casa espírita. Um filósofo da doutrina espírita.

A ciência resolveu a questão dos milagres que mais particularmente derivam do elemento material, quer explicando-os, quer lhes demonstrando a impossibilidade, em face das leis que regem a matéria. Mas, os fenômenos em que prepondera o elemento espiritual, esses, não podendo ser explicados unicamente por meio das leis da Natureza, escapam às investigações da ciência. Tal a razão por que eles, mais do que os outros, apresentam os caracteres aparentes do maravilhoso. É, pois, nas leis que regem a vida espiritual que se pode encontrar a explicação dos milagres dessa categoria.

Allan Kardec - A Gênese - Capítulo XIV - Os fluidos

SUMÁRIO

Introdução.....	9
PRIMEIRA PARTE: PARADIGMA ESPÍRITA.....	15
1. Paradigmas religiosos.....	17
2. O nascimento do cristianismo.....	25
3. A doutrina de Jesus é uma, a do Cristo é outra.....	37
4. O espiritismo reflete o “espírito de uma época”.....	47
5. A justiça divina.....	55
6. Evolução ou estagnação.....	65
7. Os milagres.....	69
8. Jesus fez milagres?.....	79
SEGUNDA PARTE: MILAGRES ATRIBUÍDOS A JESUS.....	85
1. Milagres relacionados aos fenômenos da natureza.....	87
1.1 - Multiplicação dos pães.....	89
1.2 - Tempestade amainada.....	92
1.3 - Andar sobre as águas.....	95
1.4 - Segunda multiplicação dos pães.....	98
1.5 - Dessecação da figueira.....	100
1.6 - Pesca surpreendente.....	102
1.7 - Transformação de água em vinho.....	105
1.8 - Escuridão no céu.....	108
2. Os fenômenos ocorridos com Jesus.....	113
2.1 - Passar incólume pelos inimigos.....	114

2.2 - Transfiguração	117
2.3 - Ressurreição	119
3. As curas	131
3.1 - A sogra de Pedro	134
3.2 - Um leproso	136
3.3 - Um paralítico	140
3.4 - A mão atrofiada	142
3.5 - A mulher hemorrágica	146
3.6 - O cego de Jericó	149
3.7 - O filho do oficial romano	152
3.8 - O criado do centurião	155
3.9 - Os dois cegos	157
3.10 - O surdo-mudo	161
3.11 - O cego de Betsaida	164
3.12 - O hidrópico	169
3.13 - Os dez leprosos	172
3.14 - A orelha do servo do sumo-sacerdote	174
3.15 - O enfermo no tanque de Betesda	176
3.16 - O cego de nascença	179
4. Exorcismos	183
4.1 - O possesso de Gerasa	185
4.2 - O possesso de Cafarnaum	189
4.3 - A filha da mulher cananea	191
4.4 - Maria Madalena	195
5. Exorcismos com cura	201
5.1 - O menino mudo e epilético	203
5.2 - O possesso mudo e cego	207
5.3 - O possesso mudo	209
5.4 - A mulher encurvada	211
6. Ressurreições de mortos atribuídas a Jesus	215
6.1 - A filha de Jairo	217
6.2 - O filho da viúva de Naim	220
6.3 - Lázaro	222

INTRODUÇÃO

Etimologicamente, *paradigma* vem do grego *parádeigma*, que quer dizer 'modelo'. Pode ser entendido como um exemplo, um modelo, uma referência, uma diretriz, um parâmetro, um rumo, uma estrutura, ou até mesmo um ideal. Algo digno de ser seguido. Podemos dizer que um paradigma é a percepção geral e comum – não necessariamente a melhor – que se tem de determinada coisa, seja um objeto, seja um fenômeno, seja um conjunto de ideias. Ao mesmo tempo, ao ser aceito, um paradigma serve como critério de verdade e de validação e reconhecimento nos meios onde é adotado. E, assim sendo, neste sentido, todos nós adotamos, ao longo da vida, inúmeros *paradigmas*, que nos norteiam ou já nos nortearam a conduta. Trata-se, assim, em outras palavras, de uma regra, uma forma já pronta, pela qual vemos o mundo e o entendemos. Nesta ótica, toda quebra de paradigma significa, então, mudança na forma de enxergar determinadas situações.

Quando pensei em escrever sobre os **milagres**, depois de muitas reflexões, tinha por objetivo precípua a comparação dele, sob a ótica dos *paradigmas religiosos*, que estão à nossa disposição, de maneira cada vez mais intensa, tais quais as mercadorias nas prateleiras de um supermercado, onde cada um escolhe, conforme sua vontade, o produto a ser comprado. De acordo com o paradigma adotado, interpreta-se o 'milagre' como algo sobrenatural, ou, então, sob a égide da ciência,

como um fato natural. Portanto, o paradigma religioso é algo muito forte na formação do comportamento humano, por conta das influências que recebemos, desde o nascimento, direcionando-nos, como roteiro correto, definitivo, e, muitas vezes, sem questionamento. No geral, nele nascemos, somos influenciados e, à medida da maturidade espiritual, nele permanecemos parcial ou totalmente, até que, em determinado momento, começamos a questionar aquele código religioso proposto, inicialmente, pelos pais, como algo ‘transmitido’ por Deus.

Na verdade, quando nascemos, o paradigma religioso que adotamos é o dos pais, através da doutrinação infantil. Assim, a religião que você segue, hoje, provavelmente, seja herança paterna. Então, quando dizemos que aquela criança é muçulmana, cristã, budista, judia, espírita, entre outras, ela reflete o paradigma ensinado no lar. Então, seguimos o que eles acham melhor para nós, o que é plenamente compreensível e justificável: “o que é bom para nós é bom para os filhos”, dizem os pais. A religião, embora se pense que veio dos céus, governada sobrenaturalmente por Deus, ou por seus prepostos – profetas e seres celestiais – é mesmo uma criação humana...

Na Bíblia, prega-se que Jesus criou sua igreja, o que não é verdade. “Os *gnósticos* – linha cristã oposta aos ortodoxos – não aceitavam que Jesus havia investido Pedro de autoridade de seu sucessor. Trata-se de uma *acomodação* textual para nomear, ‘retroativamente’, Pedro, como primeiro papa. Jesus não instituiu uma igreja ou igrejas, nos moldes como construíram Paulo e outros apóstolos”. Por mais que acreditemos, ela (religião) não foi transmitida por Deus ou algum ser espiritual a líderes religiosos. Daí por que a escolha de um paradigma nunca é definitiva. Ainda bem! Por mais que sejamos ‘doutrinados’ neste ou naquele ‘padrão religioso’, dadas as experiências atuais e influências de existências anteriores, no devido tempo, ou aceitamos tudo (ou, em parte), tal como nos foi transmitido, ou, então, mudamos. O mais provável é que troquemos de modelo, se não no todo, mas ao menos em parte, pois, somos seres em um *continuum* evolutivo. De início, de um modo geral, aceitam-se os ‘milagres’ como algo verdadeiro. Com o tempo, porém, compreende-se que eles não passam de ‘mitos’, presentes em todas as religiões.

Escrever sobre este assunto – e transformá-lo em livro – já vinha

‘esquentando’ minha cabeça, há alguns anos. De início, vem a preocupação de ‘chocar’ os leitores, porque, à primeira vista, para alguns religiosos, seria um livro de negação à existência de Deus e ataque à fé cristã. Não obstante, buscamos, honestamente, tão só a verdade espiritual. Tencionamos, assim, como ensinaram os espíritos na questão n.º 1, de *O Livro dos Espíritos*, mostrar Deus, como “inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas”. Deus prova a sua grandeza e seu poder pela ‘imutabilidade’ das Suas leis e não pela ab-rogação delas. Eliminamos, há muito tempo, de nosso pensar, o Deus ‘pessoal’, ‘antropomórfico’, embora respeitemos quem, assim, ainda O entende. É questão de maturidade espiritual. Está presente em tudo, independente de fé religiosa, pois, o *princípio inteligente* estagia em toda escala evolutiva: mineral, vegetal, animal, homem (neste, individualiza-se).

É assim que podemos entender que, sendo o paradigma um modelo – científico, filosófico ou religioso – aceito como ‘certo’ em determinada época, com a evolução, pode tornar-se superado, em parte, ou no todo. Mas a conversão à nova ‘heresia’ (pensamento contrário a um credo religioso que se tinha como paradigma) é sempre um desafio ao mutante. A mudança de paradigma é apenas uma questão de tempo. Os cientistas, filósofos e teólogos renomados, respeitados e não invejosos, como que num arrastão, levam de roldão os seus colegas ainda teimosos em não aceitarem o novo paradigma.

Fato curioso é que os avanços tecnológicos, sociais e científicos são aplaudidos de pé pelos homens. O progresso da Humanidade, nas mais diversas áreas do saber, é desfrutado e celebrado por pessoas de todos os cantos da Terra. ‘Paradigmas foram feitos para serem superados’, dizem as pessoas. ‘Não podemos parar no tempo!’ ‘Precisamos avançar!’, alegam outros. Com a religião, curiosamente, as coisas funcionam de maneira diferente. Não é o avanço que é celebrado. Antes, é a ‘estagnação’, quando não, o retrocesso. Igreja boa – no senso comum – é igreja antiga. Modernidades não encontram espaço no universo religioso. Quanto mais distante da atualidade for o referencial, mais sacra a igreja se torna, disse certa vez um escritor.

No entanto, igreja boa não é a ‘igreja passada’, tampouco a futura; igreja boa é a do presente. A que supera paradigmas, encaixando-se na história e na sociedade da qual faz parte. Ao que se sabe, os no-

vos paradigmas por ela construídos serão igualmente superados com o avanço da ciência. Neste entendimento, Léon Denis, em relação ao espiritismo, exortou: “Ou seguirá a ciência ou não sobreviverá”. Pela lógica de Kardec: “O espiritismo, avançando com o progresso, jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto, ele se modificará nesse ponto; se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará”. Max Planck encontrou muita resistência para o seu novo paradigma da física quântica. Eis o seu desabafo: “Uma nova verdade científica não triunfa convencendo seus oponentes e fazendo com que vejam a luz, mas porque eles, finalmente morrem e a nova geração cresce familiarizando-se com ela”.

Para consecução deste objetivo, dividimos o livro em duas partes:

Na primeira, escrevemos sobre as bases da doutrina espírita, desde sua criação, com Allan Kardec, nos meados do século XIX, na França, comentando sobre os seus paradigmas.

Na segunda, retomamos Kardec, refutando, tal como já o fizera em seu livro *A Gênese* – Cap. XV, “Os milagres do Evangelho – o sentido dos milagres atribuídos a Jesus, como impossíveis, por serem contrários às leis naturais”. No entanto, demos a eles interpretações simbólicas. Neste sentido, eles são úteis para a criatura no processo evolutivo.

É por este caminho que marcharemos no decorrer deste livro. Provavelmente, tenhamos leitores que, sem qualquer trabalho de reflexão, preferem ‘parar’ a leitura, por contrariar seus códigos religiosos. Então, é melhor mesmo parar por aí, porque nossas reflexões não estão presas a um ideário religioso de qualquer crença. Aceitamos todas, como parte do processo evolutivo. Elas são importantes ao ser humano. É melhor tê-las, do que não tê-las. Encontraremos leitores que já pensam assim, mas não querem contrariar a maioria dos membros de sua religião, ou da sociedade, que irão cobrá-los pela nova postura, preferindo guardar suas ideias para si, deixando as coisas acontecerem... Finalmente, em outros, estas reflexões cairão como sementes plantadas em terreno fértil e, certamente, irão despertar para um novo pensar sobre Deus, o Homem e o Universo e, por extensão, analisarão com mais propriedade as leis naturais. São aqueles que buscam, constantemente, uma nova visão, no desenvolvimento de seus potenciais, no encontro de uma vida mais racional e mais feliz.

É possível que, por conta deste posicionamento, muitos pensem que queremos excluir Jesus do espiritismo. Ledo engano. É preferível recusar 10 verdades a aceitar uma mentira. “Passe tudo pelo crivo da razão”, recomendou Kardec. Cada vez mais estudiosos, teólogos e pesquisadores, a partir da metade do século XVIII, pesquisam sobre a existência do ‘Jesus histórico’, para diferenciá-lo do ‘Cristo da fé’, construído ao longo dos séculos pelos seus teólogos. Atualmente, temos, nos Estados Unidos, o *Seminário de Jesus (The Jesus seminar)*, uma instituição ecumênica de pesquisadores, iniciada em 1985, que vem dando plena continuidade à pesquisa, em busca do Jesus histórico, que, fazendo esse trabalho sério, divulga o que é do ‘Jesus verdadeiro’ e o que é do ‘Cristo teológico’.

José Lázaro Boberg
jlboberg@uol.com.br
Rua Dois de Abril, 488
Jacarezinho-PR
(043) 9912-4442

PRIMEIRA PARTE:

PARADIGMA ESPÍRITA

**filosofia calcada na ciência com
consequências morais**

Não tendo o espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual do vocábulo, não podia nem devia enfeitar-se com um título sobre cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.

Revista Espírita, Ano XI, Dezembro 1868, vol. 2

PARADIGMAS RELIGIOSOS

Muitos não seguem nenhuma crença e são, muitas vezes, mais religiosos (espirituais) do que aqueles que estão vinculados a uma religião.

INICIALMENTE, QUEREMOS CONCENTRAR SUA ATENÇÃO sobre a questão da gênese do sentimento religioso no ser humano. Em nosso livro, *Da moral social às leis morais*, trabalhamos cada uma das dez Leis Morais, propostas por Kardec, insertas em *O Livro dos Espíritos*, em sua Terceira parte. Focamos, no entanto, de primeiro plano, para a consecução do objetivo de nossos propósitos, na primeira delas, a que se liga diretamente à ideia de religião: **a lei da adoração**. Ensinam os espíritos que a *lei da adoração* faz parte das leis naturais, razão pela qual a encontramos entre todos os povos, embora de formas diferentes¹. Este sentimento natural está ‘impresso’ no espírito, não imposto pela educação, ou seja, pelas tradições nem pelos valores intelectuais, morais e religiosos. Esse sentimento natural encontra-se gravado na consciência da Humanidade, o que impulsiona o ser a congregar-se em uma organização religiosa.

Embora esse termo ‘adoração’ denote, entre os seus vários sentidos, ‘idolatria’ a algo exterior, podemos, no entanto, decodificar essa ideia com o sentido dado pelos espíritos a Kardec, dizendo que o homem, desde os tempos imemoriais, por sentimento inato, diante daquilo que julga ultrapassar as suas forças, busca um ser superior

1 KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, q. 652.

a ele – que, costumamos chamar de Deus – representado pelas leis naturais. Dizemos que é uma ‘adoração’, mas na realidade, é algo imanente que ocorre de forma natural, à medida que o ser em crescimento sente a necessidade, pelos mecanismos da lei de causa e efeito, de equilibrar-se, embora de forma provisória – em sua contínua ascense às bem-aventuranças, aqui e agora. Essas correções e felicidade relativa não são transferidas para o futuro, num utópico ‘céu’, como as regras teológicas estabeleceram, mas manifestam-se em todos os instantes da vida, de conformidade com o estágio do entendimento de cada um.

O homem, nas fases iniciais, ‘adora’ Deus (embora nunca O tenha visto), no intuito de ‘transferências’ de seus problemas a algo superior, usando de vários artifícios externos. Aliás, na reflexão de Deepak Chopra, “Deus conseguiu o feito extraordinário de ser adorado e invisível ao mesmo tempo. Embora não pareça ser possível apresentar um único fato sobre o Todo-Poderoso que possa ser aceito em um tribunal, de algum modo, a grande maioria das pessoas acredita em Deus – até 96%, segundo algumas pesquisas”². Na verdade, todas as características atribuídas a ‘Ele’ ou ‘Ela’³ são, no final de tudo, projeções dos atributos humanos – razão, vontade, afeto, entre outros. Nesta linha de pensamento, os ‘atributos de Deus’ não são de Deus, mas do gênero humano, é a essência humana.

Segundo *Feurbach*, ao adorar a Deus, o humano adora a si mesmo, pois deslocou para fora de si a essência que lhe era própria. Atualmente, dá-se a esse ‘estacionamento’ provisório de sua evolução, para entregar a um ser exterior, o nome de “sequestro da subjetividade”. Assim, o poder de decisão, que é prerrogativa de cada ser, é transferido para fora. Não lhe parece estranho isso? Entregar-se a um ser sobrenatural, quando o Universo nos oferece, como mecânica de aprendizagem e evolução, o livre-arbítrio? Toda vez que a possibilidade de existir é lançada para uma realidade sobrenatural, temos esse sequestro de subjetividade. De nossa parte, entendemos que “Deus é

2 CHOPRA, Deepak. *Como conhecer Deus*.

3 Como Deus é infinito chamar a divindade de ‘Ele’ ou ‘Ela’ é mera convenção humana.

do tamanho da evolução espiritual de cada um”⁴. O sábio O reverencia pelas suas realizações; Jesus, fazendo a Sua vontade (no sentido de respeito à Lei), opera sempre em favor da harmonia universal. Os homens elevados formalizam tal respeito pela sua vida contínua no bem comum. Na verdade, podemos adorar a Deus, no altar de nossa preferência, da maneira como quisermos, contudo se não amamos o próximo, não abrimos ‘espaço’ para a presença do amor em nossos corações. Dar atributos morais a Deus e sua transformação numa pessoa é fruto da criação da divindade à nossa imagem. Nós é que criamos Deus à nossa imagem, e não o contrário.

Desde os primórdios da criação, quando os homens se sentiram indefesos ante a selva imensa e à presença de animais gigantescos, sempre prontos a devorá-los, por instinto, buscaram a proteção de algo superior e invisível, que os ‘protegia’ e os ‘guiava’ pelos caminhos da existência. Impossibilitados de uma visão mais ampla, sentiam, no entanto, que esses seres lhes eram superiores, surgindo aí, por consequência, a crença em um ser maior que eles, chamado de Deus. O espírito religioso é universal, a religião está em todas as civilizações, desde as mais primitivas às mais evoluídas. A ideia de culto religioso começa a surgir quando o homem percebe que existe algo incompreensível que foge de seus conhecimentos. Com o passar do tempo, aparecem, naturalmente, os líderes religiosos, em cada agrupamento humano.

Esses agrupamentos humanos materializaram e, ainda materializam na atualidade, em torno da criação de certos *paradigmas*, pelos homens, como mecanismos de “união e comunicação com Deus”. Cada crença cria, então, todo um aparato místico com rituais, liturgias, regras rígidas de comportamento, passados aos fiéis como “palavras de Deus”. Novos paradigmas religiosos continuam sendo criados, e cada crença, através deles (paradigmas), se arroga o poder de ser o único caminho da ‘salvação’. Na atualidade, a disputa tem sido cada vez mais acirrada, neste mercado aberto de religiões, palco de voraz competição pela adesão das consciências. É uma verdadeira ‘guerra santa’ pela preferência da fé popular. Para se ter uma ideia da ferrenha disputa nesse mercado, “apenas em São Paulo, a maior metrópole brasileira,

4 Ver lição nº 1, ‘A visão de Deus’, em nosso livro *A oração pode mudar sua vida*.

em 2006, era aberta uma religião a cada dois dias, sem contar com outras tantas improvisadas em garagens de casas, sem autorização da prefeitura”⁵. Ainda, sobre aumento desse mercado, só na linha cristã, o número de religiões criadas está em torno de 40.000 organizações de fé cristã, em todo o mundo.

Muitos não seguem nenhuma crença e são, muitas vezes, mais religiosos (espirituais) do que aqueles que estão vinculados a uma religião. Então, é preciso estabelecer diferenças entre *religião* e *religiosidade*. A religião se constitui numa instituição social organizada de acordo com a legislação de cada país, com o objetivo de conduzir os fiéis à reflexão sobre Deus, à moral, à ética. Religião é – insistimos – algo “criado pelos homens”, com todas as suas idiosincrasias e de acordo com o entendimento de seus criadores. Na carona do instinto natural de adoração – inerente ao ser humano –, as religiões procuram arrebanhar as “ovelhas para seu aprisco”, cada qual oferecendo um paradigma ‘supostamente’ verdadeiro de ‘salvação’. Quanto menos instruído, em virtude de seu pouco entendimento evolutivo, ainda preso ao medo e envolvido pelas mais diversas superstições, o candidato torna-se ‘presa fácil’ para as organizações religiosas, que surgem como um oásis para aplacar a sede diante dos problemas difíceis por que passa. Afinal, prometem um “Deus dos impossíveis”, que faz milagre, bastando tão somente crer!

Já a *religiosidade* – que traduzimos por *espiritualidade* – pode ou não ser manifestada, pela adoção de uma religião. É algo inerente ao próprio ser humano, conforme vimos; trata-se de uma lei natural. Religiosidade é aquele sentimento interior, que leva a pessoa a crer num ser superior, em quem se pode confiar, e a quem se deve obedecer, através dos ditames da própria consciência, dando-lhe alento, esperança, confiança e júbilo. É a *religiosidade* e não a *religião* que pode levar alguém ao êxtase. Religiosidade é luz interior. Não pode ser confundida com essa busca desenfreada e desesperada pelas ‘religiões’, como acontece ultimamente, movida principalmente, pelas apreensões ou por algum tipo de interesse. A *religiosidade* se manifesta em cada um, de acordo com seu próprio grau evolutivo, embora muitas vezes esteja encoberta pela indiferença, pela descrença e por conceitos materialistas.